



## 1. TÍTULO: NAS ORIGENS DA ADMINISTRAÇÃO

DELANO GUSMAO DE VASCONCELOS

## 2. EPÍGRAFE

*“Com a valorização do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens” (MARX, 2005)*

## 3. INTRODUÇÃO

A administração pública esmiuçada de maneira científica (entendendo ciência como a conhecemos hoje), a saber: conjunto de conhecimentos socialmente adquiridos ou produzidos, historicamente acumulados, dotados de **universalidade** e **objetividade**, que permitem sua transmissão, e estruturados (**sistematizados**) com **métodos**, **teorias** e **linguagens próprias**, que visam compreender e orientar a natureza e as atividades-humanas. Podemos observar em vários momentos históricos, nas obras “A República” de Platão; “A Política”, de Aristóteles; “A Cidade de Deus”, de Santo Agostinho; “A Cidade do Sol” de Tommaso Campanella<sup>1</sup>; “A Arte da Guerra” e “O Príncipe” de Maquiavel; “Do Cidadão” e “Leviatã”, de Thomas Hobbes<sup>2</sup>; et alii.

Porém, a discussão e aplicabilidade do estudo científico da Administração nascem coetaneamente com o surgimento da própria ciência moderna e toda a avalanche de cientificismos<sup>3</sup> que ocorreram naquela mesma época. Tudo foi e seria estudado a partir dali (conforme a maioria daqueles cientistas) sob as égides dos estudos das ciências ditas exatas.

---

<sup>1</sup>**Tomasso Campanella** (Stilo, Itália, 1568-1639, Paris), filósofo italiano, combateu a Escolástica e preconizou o método experimental. Passou vinte e sete anos na prisão. Na sua obra utópica “Cidade do Sol”, *ele imagina uma vida social rigorosamente ordenada. Se o mundo é mau e funciona mal, é porque há muita liberdade pessoal e pouca ordem.*

<sup>2</sup>**Thomas Hobbes** – Filósofo materialista Inglês (Wesport, Malbesbury, 1588 – Hardwich Hall, 1679, autor do “Leviatã” e de “Do Cidadão”. Empirista. Pensador político. “O homem é o lobo do homem”. Estado social: **a sociedade política é a obra de um pacto, de um cálculo; pela paz e pela razão, os homens fazem pactos.**

<sup>3</sup>**Cientificismo**: ideologia, que estabelece a possibilidade da racionalização completa do saber, com uma fórmula do saber verdadeiro; 1. A Ciência é o único saber verdadeiro; 2. **A Ciência é capaz de resolver todos os nossos problemas práticos e de responder todas as nossas questões teóricas**; 3. Deve ser confiado aos cientistas e técnicos o cuidado exclusivo dos negócios humanos e sociais, só eles sabem o que é verdadeiro, bom e justo.



Foi o caso, por exemplo, da sociologia. Foi a febre de que tudo seria explicado e/ou resolvido pelas ciências. Isso foi (e é) tão forte que até hoje não discutimos certos pareceres, caso tenham sido proferidos pela boca da ciência, mesmo que discordemos por outros motivos (religiosos, culturais, etc.). Nesses novos tempos modernos Augusto Comte<sup>4</sup> talvez tenha sido o profeta que colocara a ciência no trono de Deus, e a religião seria o positivismo<sup>5</sup>.

#### 4. A ADMINISTRAÇÃO CIENTÍFICA

No que tange mais especificamente ao campo da Administração, temos como ícones históricos e referenciais, Taylor e Fayol. Ambos com o intento de tornar científico, objetivar, e, pelo menos era o almejo, tornar mais eficiente. Produzir mais e melhor. “*Taylor preconizava a prática da divisão do trabalho, enfatizando tempos e métodos a fim de assegurar seus objetivos ‘de máxima produção a mínimo custo’*” (GOMES, 2005). Exigências e condições objetivas impostas pelo novo contexto das grandes corporações. Precisava-se organizar os advenços da Revolução Industrial.

Paralelamente às idéias de Frederick Winslow Taylor, temos outro grande pensador, Jules Henri Fayol, que também nos legou boa parte das bases de toda edificação científica da Administração:

As 05 (cinco) funções precípua da gerência administrativa como: planejar, comandar, organizar, controlar e coordenar, o já conhecido e exaustivamente estudado nas escolas de administração -PCOCC - são os fundamentos da Teoria Clássica defendida por Fayol. Esta Teoria considera: a obsessão pelo comando, a empresa como sistema fechado e a manipulação dos trabalhadores. (GOMES, 2005)

Porém, os germes negativos dessa revolução foram identificados e denunciados lá mesmo,

---

<sup>4</sup> **Augusto Comte** – Filósofo francês (Montpellier, 1798 — Paris, 1857), fundador do Positivismo. Seu “*Curso de Filosofia Positiva*” (1830-1842) é uma das obras capitais do século XIX.

<sup>5</sup> **Positivismo**: Sistema filosófico formulado por Augusto Comte, tendo como núcleo a sua teoria dos três estados: a sociedade passa por três etapas: Teológica, metafísica e positiva; as ciências positivas surgem apenas quando a humanidade atinge a terceira etapa (sua maioridade), rompendo com as anteriores. **A finalidade última é organizar a sociedade cientificamente** com base nos princípios estabelecidos pelas ciências positivas. Em sentido mais amplo, Positivismo pode designar várias doutrinas filosóficas do século XIX, Stuart Mill, Spencer, et al; que se caracteriza pela valorização empirista e quantitativa.



no princípio de tudo:

(...) que semelhante à Administração Científica, desenvolvia princípios que buscavam **explorar os trabalhadores**.

(...)

As propostas básicas de Taylor: planejamento, padronização, especialização, controle e remuneração trouxeram decorrências sociais e culturais da sua aplicação, pois representaram a total **alienação das equipes de trabalho** e da solidariedade grupal, fortes e vivazes no tempo da produção artesanal (...) **decorrências negativas para a massa trabalhadora**, que as propostas de Taylor acarretara. (GOMES 2005).

O Dom Quixote<sup>6</sup> dessa novela sem fim: produção versus trabalhador, foi Karl Marx, no seu “Manuscritos Econômicos-Filosóficos” , ele nos aclara de maneira didática o que seria, na sua opinião, a grave problemática da exploração da classe trabalhadora, através da alienação dos mesmos; e o caráter inversamente proporcional dos interesses do trabalhador, com os interesses do capital:

A divisão do trabalho e a introdução das máquinas promovem riqueza da produção. A cada indivíduo deve confiar a menor série possível de operações (...) a divisão do trabalho e a introdução de máquinas condicionam a produção em massa da riqueza

(...)

É evidente, o trabalho produz coisas boas para os ricos, mas produz a escassez para o trabalhador. Produz palácios, mas choupanas para o trabalhador (...) Substitui o trabalho por máquinas, mas encaminha uma parte dos trabalhadores para um trabalho cruel e transforma os outros em máquinas.

(...)

Com a valorização do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. (MARX, 2005).

## 5. CONCLUSÃO

O cinema conseguiu reproduzir de maneira genial esse embate da tendência de culto à sedução da administração científica posta em prática em uma unidade fabril; com todo mundo enfileirado, com a mesma roupa, na mesma posição, em ambiente aparentemente limpo, organizado, concatenados como engrenagens de engenhos de máquina de relógio, produzindo regularmente, de maneira estável, continua, objetivada. Em oposição direta ao homem inadaptado, retirado de outro mundo diverso, talvez do campo ou da natureza, em

---

<sup>6</sup>**Dom Quixote**: Romance espanhol de Miguel de Cervantes, obra que parodia os romances de cavalaria, com todo o heroísmo destes, só que num contexto histórico que já não condizia mais com aquele comportamento cavaleiresco, se tornando assim para a posteridade a personagem de Dom Quixote, um baluarte de preservação das posturas nobres. **Conflito do ideal e o real**.



que se acorda com sol e dorme com o ocaso, jogado naquela caixa surreal (o galpão da fábrica), em que não se sabe se é dia ou noite, vigiada o tempo todo, olhos de capatazes por toda parte, como no "Grande Irmão", "*Big Brother*", personagem fictício no romance "1984"<sup>7</sup> de George Orwell, como também no Big Brother atual nas televisões pelo mundo, propondo o *show* da vida cotidiana dos outros ao vivo e a cores. É o inesquecível filme "Tempos Modernos", de Charles Chaplin. O homem ou se adapta, ou é engolido pela máquina, ou vai preso, ou termina nas drogas, ou pela estrada, no desterro, como termina no filme o angelical Carlitos.

Entretanto, por outro lado, o fato é que não podemos negar a importância dos modelos centralizadores de administração, classificados científicos, como o Taylorista e/ou Fordista, frente a verdadeiros gigantes corporativos, capazes de colocar para funcionar e promover a unidade e a continuidade desse funcionamento, rumo aos seus objetivos, através dos códigos normatizadores, complexos organogramas, elaboração e execução de planos e projetos, mecanismos de controle, avaliações, *et alii*. Ainda mais num momento histórico de grandes fusões e composições associativas (União Européia, Mercosul, *et al*). Ainda conviveremos por muito tempo com os conceitos da ciência do século XIX: neutralidade, impessoalidade e objetividade.

## **BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA**

**ARISTÓTELES. POLÍTICA**. São Paulo: Ed. Escala, 2006.

**ARISTÓTELES. POLÍTICA**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

**CAMPANELLA, Tommaso. A CIDADE DO SOL**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

**CHIAVENATO, Idalberto. ADMINISTRAÇÃO GERAL E PÚBLICA**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

**GOMES, Lucinda Pimental; Texto publicado no Informativo Mensal do CRA/CE, CRA**

---

<sup>7</sup> "1984", ORWELL, George; Obra publicada em 8 de junho de 1949, retrata o cotidiano de um regime político totalitário e repressivo no ano homônimo. No livro, Orwell mostra como uma sociedade oligárquica coletivista é capaz de reprimir qualquer um que se opuser a ela. O romance se tornou famoso por seu retrato da fiscalização e controle de um determinado governo na vida dos cidadãos, além da crescente invasão sobre os direitos individuais. Desde sua publicação, muitos de seus termos e conceitos como "Big Brother", tornaram-se populares.



em Ação, Ano 1 N° 07 Agosto/Setembro de 2005.

**HEGEL**, Georg Wilhelm Friedrich. A FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1974.

**HESSEN**, Johannes. TEORIA DO CONHECIMENTO. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000.

**HOBBS**, Thomas. DO CIDADÃO. São Paulo: Martin Claret, 2004.

**HOBBS**, Thomas. LEVIATÃ. São Paulo: Martin Claret, 2002.

**HOUAISS**, Antônio. PEQUENO DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO – KOOGAN LAROUSSE. Rio de Janeiro: Ed. Larousse do Brasil, 1980.

**MAQUIAVEL**, Niccolò. O PRÍNCIPE. São Paulo: Ed. Escala, 2007.

**MARCONDES**, Danilo e **JAPIASSU**, HILTON. DICIONÁRIO BÁSICO DE FILOSOFIA. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

**MARX**, Karl. MANUSCRITOS ECONÔMICOS-FILOSÓFICOS. São Paulo: Martin Claret, 2005

**PLATÃO**. A REPÚBLICA. São Paulo: Ed. Escala, 2007.

**PLATÃO**. A REPÚBLICA. São Paulo: Martin Claret, 2009.